

r e v  
t a c  
i t e  
t u  
o u  
t r a  
s s

# Uma abordagem do romance *Palácio do Pavão* na perspectiva dos estudos culturais e pós-coloniais

Une approche du roman  
*Peacock Palace* dans la  
perspective des études  
culturelles et postcoloniales

Suraj Khemraj  
CCLA-UFRR  
Ananda Machado  
PPGL-UFRR

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e73739>

## Resumo

Sob a perspectiva dos estudos culturais e pós-coloniais, analisamos o romance *Palácio do Pavão* do escritor guianense Wilson Harris. O artigo começa pelas discussões teóricas acerca da identidade na perspectiva dos estudos culturais e de análise de obras literárias a partir das teorias do pós-colonial. Ainda na parte da fundamentação teórica, apresentamos as características do gênero romance. Para contextualização, abordamos aspectos da biografia do escritor Wilson Harris, do espaço da Guiana Inglesa no qual a narrativa da obra se desenrola e a própria obra *Palácio do Pavão* foi publicada. O romance é analisado, principalmente, em relação a alguns aspectos dos personagens, evidenciando como o autor constrói suas identidades culturais de forma fragmentada. Identificamos características do romance moderno marcadas na obra, sobretudo, na forma de contradições vividas pelo herói.

Palavras-chave: Harris; romance; Estudos culturais; pós-colonialismo

## Résumé

Du point de vue des études culturelles et post-coloniales, nous avons analysé le roman *Palácio do Pavão* de l'écrivain guyanais Wilson Harris. L'article commence par des discussions théoriques sur l'identité du point de vue des études culturelles et de l'analyse des œuvres littéraires basées sur les théories post-coloniales. Toujours dans la partie du fondement théorique, nous présentons les caractéristiques du genre roman. Pour la contextualisation, nous abordons des aspects de la biographie de l'écrivain Wilson Harris, de l'espace Guyane anglaise dans lequel se déroule la narration de l'œuvre et de l'œuvre *Palácio do Pavão* elle-même. Le roman est analysé, principalement en relation avec certains aspects des personnages, montrant comment l'auteur construit ses identités culturelles de manière fragmentée. Nous avons identifié les caractéristiques du roman moderne marquées dans l'œuvre principalement sous la forme de contradictions vécues par le héros.

Mots-clés: Harris, Études culturelles; post-colonialisme; roman

## Introdução

Tomamos para nós aqui o risco de abordar temas ainda pouco pesquisados. As análises desenvolvidas, neste artigo, são iniciais e, em breve, poderão ganhar novos contornos e alterações com o decorrer do tempo. Este trabalho aborda, na perspectiva dos estudos culturais e pós-coloniais, o romance *Palácio do Pavão*, do escritor guianense Wilson Harris. Dialogamos com autores que abordam essas teorias percebidas por nós como ainda em construção.

Os estudos culturais abrangem temas como identidade, que será contemplado na primeira parte deste artigo. Esses estudos perpassam ainda por diversas áreas de conhecimento e cada uma delas explora as perspectivas de seus respectivos ângulos.

Na sequência, abordaremos a teoria do pós-colonial para perceber como a obra estudada evidencia características descritas nesses estudos. Prosseguindo neste texto, discorreremos sobre o gênero literário romance, aqui tratado como área constantemente ampliada em suas definições. O enfoque na apresentação do gênero romance será através de suas características, permitindo que, posteriormente, na parte final deste artigo, a análise de *Palácio do Pavão* nos ajude a construir essa compreensão.

A abordagem teórica precede a contextualização, na qual apresentamos brevemente a biografia de Harris, seu país natal e o romance *Palácio do Pavão* (1960), do escritor guianense Wilson Harris, facilitando assim a intersecção entre a obra e as discussões teóricas mencionadas acima. Iniciamos com elementos discutidos nos estudos teóricos da identidade e de outros aspectos dos estudos culturais.

## Identidade e estudos culturais

O tema identidade, nos estudos culturais, tem como seu grande expositor o jamaicano Stuart Hall, sendo *Identidade Cultural na Pós-Modernidade* a obra na qual o pesquisador tece algumas reflexões que trazemos aqui. Na concepção de Stuart Hall, a identidade estável já não existe, o que permite o surgimento de identidades fragmentadas. Em suma, Hall defende que o homem moderno e pós-moderno vive uma crise de identidade<sup>1</sup>.

Além das obras de Hall, há outros teóricos que contribuíram para a construção de reflexões acerca do tema identidade, tais como a pesquisadora Eurídice Figueiredo. Ela coaduna com as ideias de Hall, afirmando que o tema é:

---

1 HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 2006.

[...] complexo porque, ao se partir de uma definição que na sua origem tem um uso ontológico, para empregos cada vez mais fluidos, sem contornos definidos, que vão do sociológico ao antropológico, do político ao cultural, do literário ao existencial, encontram-se problemas que se referem a visões essencialistas e até críticas que negam a possibilidade de se conceber a existência de uma identidade fixa<sup>2</sup>.

Ambos abordam o tema identidade como algo complexo, visto que a fragmentação e a pluralidade que ela vai adquirindo confrontam ideias colocadas através de visões essencialistas, que pressupõem o ser como possuidor de uma propriedade essencial, ou seja, os autores discordam de que a identidade seja única e imutável, não sendo assim capaz de “evoluir” e transformar.

Essa complexidade dos processos de construção identitária estão cada vez mais voltados para a pluralidade que vai surgindo e os confrontos que resultam nas crises e fragmentações identitárias.

Ao adentrar o tema identidade cultural, Kindler explica que há possibilidade de defini-lo de diversas formas, podendo ligá-las às associações políticas ou sociais<sup>3</sup>. Para Thomas<sup>4</sup>, a melhor definição do tema em questão se refere ao senso de pertinência. Para Kindler, tal senso vai se formando nas interseções entre constituição genética, influências educacionais, socialização do gênero, formação cultural, entre outros fatores importantes que vão influenciando o desenvolvimento e a vivência individual.

Para o sociólogo e pesquisador espanhol Manuel Castells, o sujeito é um ator social, de múltiplas facetas que se confrontam. Em sua obra, Castells afirma que a identidade é:

[...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na autorrepresentação quanto na ação social<sup>5</sup>.

---

2 FIGUEIREDO, Eurídice; GERHEIM, Jovita Maria (orgs). *Conceitos de Literatura e Cultura*, 2005, p. 189.

3 KINDLER, Anna M. “Multiculturalismo e formação da identidade cultural” in FIGUEIREDO, 1997.

4 Thomas, apud KINDLER, Anna M. “Multiculturalismo e formação da identidade cultural”, 1997.

5 CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*, 2002, p. 22.

Evidencia-se, através de sua perspectiva, a necessidade de estudos referentes à identidade cultural. Para Kathryn Woodward, a identidade depende do outro para existir, ou seja, ela é relacional<sup>6</sup>. Portanto, há uma diferença estabelecida por uma marcação simbólica a outras identidades, e, além disso, ela(s) possuem vínculo com as condições sociais e materiais. A construção e a manutenção dessas identidades dependem de dois processos diferentes: o social e o simbólico.

De acordo com Ortiz, os estudos culturais têm como características sua dimensão multidisciplinar e promovem a quebra de fronteiras outrora estabelecidas por departamentos e instituições de ensino superior<sup>7</sup>. Segundo Escosteguy, o campo chamado de Estudos Culturais teve seu início através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), construído em relação às mudanças de valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra<sup>8</sup>.

A definição de cultura também não é simples, uma vez que tal tema é abordado por diversas áreas de estudo, como: sociologia, história, literatura, comunicação, antropologia, dentre outras. E cada área irá definir e estudar a cultura a partir de sua perspectiva.

Santos comenta que a cultura é uma preocupação que faz parte da sociedade moderna, e que irá, provavelmente, perpetuar em seu seio. Ao dar forma a tal tema, o pesquisador explica que ela está presente desde os primórdios da humanidade, podendo ser encontrada através de marcas como “contatos e conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social”<sup>9</sup>. Essas marcas, em seu entendimento, são registradas pela história e são passadas por gerações.

Grandes pesquisadores se debruçaram sobre os estudos culturais, tendo como destaque Franz Boas, considerado um dos que influenciou a construção do conceito contemporâneo de cultura. Segundo Canedo, Boas explicou que a diferença base entre os grupos humanos estava relacionada a uma ordem cultural<sup>10</sup>. Ou seja, ao se estudar uma determinada comunidade, há uma necessidade de o pesquisador analisar a história desse local, para uma melhor compreensão e contextualização.

Dentro da proposta deste artigo, abordamos identidade e cultura para compreender a construção dos personagens proposta na obra *Palácio do Pavão*, do escritor Wilson Harris. E para isso consideramos necessário abordar estudos acerca da Teoria Pós-Colonial.

---

6 WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”.

7 ORTIZ, Renato. Estudos culturais. *Tempo Social* – USP. p. 121-127. Junho, 2004.

8 ORTIZ, Renato. Estudos culturais. *Tempo Social* – USP. p. 121-127. Junho, 2004.

9 SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*, 1987, p. 7.

10 CANEDO, D. P. “Cultura é o que? – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes público”, 2009.

## A teoria do pós-colonial e as produções literárias dos colonizados

No que se refere aos estudos sobre Teoria do Pós-Colonial, Bills Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin<sup>11</sup> são referências importantes. Eles desenvolveram um breve histórico sobre a evolução do conceito nesta área. De acordo com Simone Pereira Schmidt, o termo em questão foi empregado pelos historiados no pós II Guerra Mundial, buscando designar a descolonização que ali estava tendo seu início<sup>12</sup>. A pesquisadora explica que o termo tinha um sentido mais restrito para o processo de independência dos países que haviam sido ocupados/colonizados pela Europa. Ainda na perspectiva de Schmidt, a partir dos anos 1970, o termo Pós-Colonial passou a ser utilizado por críticos literários que ansiavam por discutir os diversos efeitos da colonização em obras literárias advindas destes países.

Foram formuladas e desenvolvidas as primeiras teorias sobre essa representação colonial, e baseados nesses esboços iniciais, o conceito foi se alargando cada vez mais e atualmente o termo Pós-Colonial significa:

[...] uma ampla gama de experiências políticas, culturais e subjetivas, que se deslocam no tempo (pré e pós-colonial) e se situam em diferentes lugares. Há hoje uma pluralidade muito heterogênea de posições subjetivas, lugares geográficos, pontos de vista teóricos e políticos e empreendimentos críticos, a partir dos quais o pós-colonial pode ser pensado<sup>13</sup>.

Antes um estudo restrito, a teoria foi se ampliando e redefinindo ao longo dos anos e ganhando destaque na área de Literatura. Merece enfoque, na citação de Schmidt, a pluralidade que atualmente está vinculada às teorias do pós-colonial, o que permite fazer deslocamentos a outras áreas de conhecimento que possam enriquecer, assim, seus estudos e suas teorias.

Sendo mais incisiva, Helen Tiffin corrobora para o desenvolvimento do trabalho de Schmidt, uma vez que Tiffin antecede esta pesquisadora. Para ela:

---

11 ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Orgs.). *The post-colonial studies reader*, 2003.

12 SCHMIDT, Simone Pereira. “Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana)”, *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, 2009.

13 *Ibidem*, p. 137.

[...] over three quarters of the contemporary world has been directly and profoundly affected by imperialism and colonialism [...] Processes of artistic and literary decolonisation have involved a radical dis/mantling of European codes and a post-colonial subversion and appropriation of the dominant European discourses. This has frequently been accompanied by the demand for an entirely new or wholly recovered ‘reality’, free of all colonial taint. Given the nature of the relationship between coloniser and colonised, with its pandemic brutalities and its cultural denigration, such a demand is desirable and inevitable<sup>14</sup>.

A autora baseia-se na afirmação do barbadiano George Lamming sobre o mundo contemporâneo. Ela ratifica a informação de que mais de três quartos deste mundo foram afetados profundamente, e de forma direta, pelo imperialismo e colonialismo. Tendo isto como ponto de partida, Tiffin desenvolve seus conceitos acerca do assunto. O Pós-Colonial, segundo a pesquisadora, se origina com o objetivo de subverter o discurso implantado por esses regimes, e para isso o Pós-Colonial se apropriou daquilo que o dominante europeu usava, ou seja, o próprio discurso relacionado à língua, à religião e aos costumes. A utilização desse discurso leva a estratégias que subvertem todo o padrão do colonizador. A partir daí, as relações entre colonizadores e colonizados evocam conflitos antes existentes, porém, negligenciados, expondo as brutalidades que ocorreram durante esse período.

A teoria pós-colonial ou o discurso pós-colonial compreende uma nova forma de analisar a produção literária dos intelectuais colonizados, estudando os seus problemas, como o racismo, a construção de identidade, a pobreza, também na perspectiva e reflexão teórica exterior à metrópole. Essa pesquisa, por analisar uma obra publicada inicialmente em língua inglesa por um escritor guianense, privilegia os teóricos da colonização britânica.

Segundo Bonnici, os países colonizados, em um primeiro momento, começaram a esboçar as suas literaturas, mas isso deve-se a redução do poder do colonizador. Contudo, sua influência era massiva sobre as colônias. O pesquisador explica que “as raízes do imperialismo são muito mais profundas e extensas”<sup>15</sup>, o que dificultava o colonizador de ver a literatura dos países uma vez colonizados como literaturas.

---

14 TIFFIN, Helen. “Post-colonial Literatures and Counter-discourse”, 2003, p. 95. Tradução livre: [...] mais de três quartos do mundo contemporâneo foi direta e profundamente afetada pelo imperialismo e pelo colonialismo [...]. Os processos de descolonização artística e literária envolveram uma desagregação radical dos códigos europeus e uma subversão pós-colonial e apropriação do discurso dominante Europeu. Isso tem sido frequentemente acompanhado pela demanda por uma “realidade” inteiramente nova ou totalmente recuperada, livre de qualquer mancha colonial. Dada a natureza da relação entre colonizador e colonizado, com suas brutalidades pandêmicas e sua difamação cultural, essa demanda é desejável e inevitável.

15 BONNICI, T. “Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais”. *Mimesis*, 1998, p. 7.

Bonnici comenta:

A ruptura operada pela literatura pós-colonial e a apropriação do idioma europeu para desenvolver a expressão imaginativa na ficção aconteceram após investigações e reflexões sobre o mecanismo do universo imperial, o maniqueísmo por ele adotado, a manipulação constante do poder e a aplicação do fator desacreditador na cultura do outro. Talvez pelo fato de ter sido o mais extenso e o mais estruturado de todos, o império britânico proporcionou ao crítico uma singular ocasião para ele poder analisar a literatura escrita em inglês por povos tão diversos em circunstâncias geográficas e históricas tão diferentes<sup>16</sup>.

A partir dessa perspectiva, podemos perceber que Wilson Harris rompeu com as regras impostas pela metrópole, apropriando-se da língua inglesa e invertendo o interesse do leitor, cujo olhar só via como positiva a literatura clássica da metrópole. Neste sentido, ao ler o romance, é possível analisar de forma crítica os elementos propostos por Harris, observando aos poucos como ele os distribuiu ao longo do romance.

### **Algumas definições e características do gênero romance**

O romance é um gênero literário narrativo constituído de história completa, composta por um enredo, uma temporalidade, uma ambientação e personagens. Esse gênero literário começou a ter forma no início do século XVI, tendo a como característica a sua hibridização, pois manifesta diversos estilos, linguagens e gêneros dentro de si, como: novela, cartas, narrativas, dentre outros.

No que tange seu estudo enquanto gênero narrativo, Bakhtin explica que o romance é caracterizado por dificuldades particulares, sendo ele um gênero singular, pois tem forma própria, contudo inacabada<sup>17</sup>. O estudioso afirma que o romance tem muito a desenvolver-se, visto que ainda não apresentou todos os seus elementos possíveis, e, além disso, não há como prever qual a dimensão que pode alcançar, quais serão seus limites, o que o torna interessante, visto que outros gêneros literários são de mais fácil definição.

Lukács concebe o romance como um elemento literário padrão da sociedade burguesa<sup>18</sup>. O romance adquiriu grande popularidade como produto de entretenimento para o público consumidor que estava aumentando, tornando-o um gênero popular.

---

16 Ibidem, p. 8.

17 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, 1998.

18 Lukács, apud ANTUNES Letizia Zini (Org.) *Estudos de literatura e linguística*, 1998.



Antunes explica que: “as diferentes formas de romance expressam, portanto, maneiras distintas da busca de harmonia com o mundo, mediante a representação da vida privada dos indivíduos e de um herói que é necessariamente problemático”<sup>19</sup>, ou seja, o herói torna-se mais próximo do povo, palpável, de fácil identificação. No romance moderno, segundo Antunes, o herói é um sujeito problemático degradado.

De acordo com o próprio Bakhtin, existem três pontos fundamentais que diferenciam o romance dos demais gêneros literários, que são:

1. A tridimensão estilística do romance ligada à consciência plurilíngue que se realiza nele; 2. A transformação radical das coordenadas temporais das representações literárias no romance; 3. Uma nova área de estruturação da imagem literária no romance, justamente a área de contato máximo com o presente (contemporaneidade) no seu aspecto inacabado<sup>20</sup>.

É importante ressaltar que todos esses pontos estão interligados e são, então, na visão de Bakhtin, características do romance:

1. O romance não deve ser “poético” no sentido pelo qual os outros gêneros literários se apresentam como tais; 2. O personagem do romance não deve ser “heróico, nem no sentido épico, nem no sentido trágico da palavra: ele deve reunir em si tanto os traços positivos, quanto os negativos, tanto os traços inferiores, quanto os elevados, tanto os cômicos, quanto os sérios; 3. O personagem deve ser apresentado não como algo acabado e imutável, mas como alguém que evolui, que se transforma, alguém que é educado pela vida; 4. O romance deve ser para o mundo contemporâneo aquilo que a epopéia foi para o mundo antigo<sup>21</sup>.

Essas características vão delimitando as “fronteiras” do novo gênero literário. Tal afirmação é apoiada, também, por Lukács, que em sua obra aborda o romance. Outro pesquisador que corrobora com parte desse pensamento é Ian Watt<sup>22</sup>, que afirma que os enredos dos romances não são tradicionais, e que rompem com o convencional, com aquilo que foi imposto como cânone.

---

19 ANTUNES Letizia Zini (Org.) *Estudos de literatura e linguística*, 1998.

20 BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*, 1998, p. 403-404.

21 Ibidem, p. 402-403.

22 WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe*, 2010.

De acordo com Rosenfeld, o romance moderno sofreu uma modificação fundamental em sua estrutura, que seria “à eliminação do espaço, ou da ilusão do espaço [...] a cronologia, a continuidade temporal [...]”<sup>23</sup>.

Segundo o pesquisador, o romance moderno teve início quando estudiosos como Proust, Joyce e outros começaram a desfazer a ordem cronológica, unindo passado, presente e futuro. Seguindo esta perspectiva, deparamos com uma quebra de regras estabelecidas no passado, em que o espaço e o tempo eram absolutos, mas agora são subjetivos e estão ficando relativos.

Walter Benjamin corrobora com a definição do romance moderno, quando afirmam que esse gênero literário almejará falar da “morte do personagem”, indagando aquilo que uma vez já havia sido dito como estável. Walter Benjamin afirmou ainda que as experiências adquiridas e vividas pelos narradores/escritores são as fontes de ideias a serem utilizadas em suas obras<sup>24</sup>.

Para uma melhor compreensão do gênero romance, escolhemos analisar a obra *Palácio do Pavão*, do escritor guianense Wilson Harris, para exemplificar, de maneira simples, como esse seu primeiro romance é construído dentro dessas definições aqui exploradas.

### **O escritor Wilson Harris**

Wilson Harris (1921–2018) foi um romancista, ficcionista, poeta, dramaturgo e ensaísta guianense. Ele mesmo afirmava possuir descendência ameríndia, africana e inglesa, sendo essa informação importante para compreender os romances escritos por ele. Considerado um dos romancistas mais originais e críticos do século XX, Harris iniciou seu trabalho no meio literário através de poesias e posteriormente passou a escrever romances e ensaios. O guianense é um dos artistas mais influentes e respeitados do Caribe nos últimos 50 anos, sendo ainda uma das vozes mais inovadoras da literatura pós-guerra de expressão inglesa.

O estilo da escrita de Harris afasta-se das normas aceitas em sua época, o que o tornava aos olhos de muitos como um escritor abstrato e metafórico, sendo os temas abordados em seus romances os de grande alcance, ou seja, temas globais.

Seu trabalho é considerado complexo tanto pelo público caribenho como para o europeu. Tal dificuldade deve-se em parte à sua profunda fundamentação filosófica nas obras dos alemães Georg Wilhelm, Friedrich Hegel, Martin Heidegger, dentre outros. A junção dessa fundamentação filosófica junto a suas raízes em tradições latino-

---

23 ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*, 1996, p. 80.

24 BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política*. ensaio sobre literatura e história da Cultura, 1998.

americanas, que são largamente incomensuráveis com o realismo europeu, acarreta um grau de dificuldade bem elevado para os leitores. Como citado anteriormente, suas obras abdicam de dispositivos convencionais de enredo, cenário e personagem.

É importante debruçar-se sobre a vida de Harris, visto que as narrativas de suas experiências estão presentes em seus romances, em específico na obra *Palácio do Pavão*. O romancista estudou na renomada escola *Queens's College*, em Georgetown, na República Cooperativa da Guiana (Guiana Inglesa). Ao terminar seus estudos secundários, formou-se em agrimensura e geomorfologia, duas áreas de conhecimento que envolvem o estudo da terra e da paisagem. Tal formação permitiu que Harris trabalhasse como funcionário público do governo, quando adquiriu um grande conhecimento in loco sobre as savanas e as florestas tropicais guianenses.

No que tange a sua trajetória como escritor, é importante ressaltar que Harris passou a morar em Londres, em 1959, após seu divórcio. Esta informação é fundamental, visto que, a partir desta mudança, o escritor começa a “descobrir” e “valorizar” seu país natal. Segundo Oyama<sup>25</sup>, olhar seu país natal a partir da metrópole é um caminho comum que os intelectuais pós-coloniais seguem, sendo este percurso recorrente entre escritores caribenhos.

*Palácio do Pavão* (1960) foi o primeiro romance escrito por Wilson Harris, ganhando esse uma enorme notoriedade. Essa obra reflete o contexto histórico do que os estudos literários classificam como pós-colonial. Como consequência de sua notoriedade, deve-se a abertura do Império Britânico para países que outrora estiveram em seu domínio. Foi esse primeiro romance de Harris que nos inspirou a fazer aqui uma discussão sobre a temática pós-colonial e não o estudo da teoria que nos levou à obra.

A produção literária do autor é diversificada, ele escreveu 25 romances, além de diversos poemas e ensaios. A Inglaterra se rendeu à qualidade literária do escritor guianense ao condecorá-lo, em 2010, diretamente pela rainha Elisabeth II. Foi igualmente premiado, por duas vezes, com o *Guyana Prize for Literature*, que se trata de um prêmio criado em 1987 como incentivo para o desenvolvimento da boa escrita criativa, particularmente, entre os guianenses, e os do Caribe em geral.

Diante dessas informações, percebe-se como Harris apropriou-se do conhecimento que teve de seu território natal e o utilizou na construção do romance *Palácio do Pavão*. A seguir, apresentamos, de forma sucinta, algumas características da Guiana Inglesa, algo que contribui para contextualizar e compreender a obra de Harris.

---

25 OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. Édouard Glissant e o pós-colonial, 1999.

## O contexto da Guiana Inglesa

A região da Guiana Inglesa, como todos os territórios caribenhos, de colonização europeia, sofreu múltiplos assédios de colonizadores, tendo sido explorada por navegantes espanhóis a partir de 1500.

Durante o século XVII, o país foi ocupado por holandeses, e em 1814, a Holanda perdeu a região para os ingleses, que em 1831 a batizaram oficialmente *British Guiana*. Antes da chegada dos europeus, a região foi nomeada pelos índios Warrau de *Terras das Águas* e era habitada por povos indígenas das famílias linguísticas Karib e Aruwak.

Seguindo a tradição colonizadora, os ingleses recrutaram com muitas dificuldades trabalhadoras braçais entre os indígenas, que mais tarde foram substituídos pelos escravos africanos. Após a abolição da escravidão, em 1837, as autoridades coloniais substituíram os escravos negros pelos indianos nas plantações do interior.

A população da Guiana é uma população tipicamente mestiça, sendo Harris um exemplo desta mestiçagem, uma vez que ele mesmo afirmava ter traços ameríndios, negros e brancos. Os povos que ali se instalaram trouxeram seus costumes e viveram dentro de um sistema escravagista, discriminando raças, línguas e culturas.

A Guiana Inglesa está localizada no extremo norte da América do Sul, e seu território tem múltiplas fronteiras; o Brasil está ao sul, a Venezuela a oeste e o Suriname, a leste. Do mesmo modo, no contexto hidrográfico, tem múltiplos rios como: o *Essequibo*, o *Demerara*, o *Corentyne*, o *Rupununie* o *Berbicee* é banhada pelo oceano Atlântico, ao norte, onde se concentra a maior parte da população.

A diversidade de povos indígenas, de colonizadores, de imigrantes, de fronteiras e de rios, como citado acima, coaduna com a multiplicidade de paisagens oferecidas pelas três regiões que compõem o país: uma planície estreita e pantanosa ao longo da costa do oceano Atlântico, que apresenta manguezais em abundância; uma faixa de areia branca mais no interior, onde crescem florestas úmidas e onde se situa a grande maioria dos depósitos minerais do país. Esta região apresenta floresta tropical, que cobre quase quatro quintos do território do país; e a outra parte composta pelas grandes terras altas do interior, que consistem principalmente de savana de montanhas, onde há predominância de vegetação alta.

O país apresenta uma produção agrícola do setor primário, baseado em produtos como: a cana-de-açúcar, a mandioca, as frutas, o arroz. Além deste setor, possui uma multiplicidade de minério, o que leva as pessoas a garimparem a região em busca de pedras de alto valor comercial. Porém, o trabalho é bastante árduo, pois a região, onde há garimpos, está localizada em um lugar praticamente inacessível, devido ao fato do país ser praticamente tomado pela floresta, o que se assemelha ao norte do Brasil.

## **A obra *Palácio do Pavão***

*Palácio do Pavão* foi primeiramente publicado em 1960, em língua inglesa, tendo como personagens um grupo multirracial. Sua trama é desenvolvida primeiramente nas savanas da Guiana, e posteriormente o ambiente vai sendo trocado pela floresta tropical, além de serem perceptíveis as citações dos principais rios do país, como: Berbice, Demerara e Essequibo. Segundo o próprio Harris, os críticos colocam e analisam a obra *Palácio do Pavão* dentro do contexto do realismo mágico.

Os personagens principais da obra são: Donne, Mariella e o irmão de Donne, que narra a história, mas em momento algum o nome do narrador é citado, além dos demais personagens “secundários”, que compõem o grupo multirracial.

Donne, personagem central da obra, é um colono que nasceu na então Guiana Inglesa, sendo descrito pelo narrador como um homem “cruel” e “severo”. Ele é o capitão da expedição que adentra a floresta em busca de mão-de-obra barata ou, em outras palavras, escrava. O personagem tem sua tripulação multiétnica que o acompanha na sua busca. A história é contada pelo irmão do personagem. Como representações femininas, há Mariella, uma mulher indígena que é esposa de Donne.

Todo o romance perpassa por transições de personalidades e identidade, tendo a figura da “morte” um elemento catalisador que vai acompanhando os personagens até o final de cada jornada. Com o passar da narrativa, algumas noções de cultura são apresentadas ao leitor pela ótica crítica de Harris.

O herói do livro, Donne, é retratado como um personagem cheio de defeitos, porém, com virtudes que podem ser percebidas em seu caráter, sendo isso o elemento da construção de um romance moderno, uma vez que ele é um herói contraditório. Esses elementos não estão presentes somente na definição do personagem principal, mas também na dos secundários, pois há uma preocupação do escritor na construção de cada personagem, não só deles, como também do espaço e do tempo.

Como um bom romancista, Harris rompe com as imposições da literatura ao adotar uma escrita não linear. Outra característica presente em seu romance é a junção do tempo (passado, presente e futuro) e, assim, o leitor não consegue se situar facilmente.

## **Considerações finais**

Entre os estudos teóricos abordados em cada eixo de trabalho, percebemos uma abertura. O pós-colonial pode ser catalisador fundamental, uma vez que rompe com o tradicional. Os estudos do romance também tendem a expandir-se para novos horizontes, criando uma miríade de obras diferentes e inovadoras. A

grande complexidade que as noções de identidade e cultura aportam também são continuamente debatidas.

Wilson Harris e sua obra *Palácio do Pavão* elucidam aspectos interessantes das teorias discutidas aqui. A partir dessa exposição, foi possível compreender como esses itens são características recorrentes na cultura e no romance (moderno).

Como a personagem indígena pode representar na obra a relação de exploração e o papel que algumas mulheres indígenas vivenciaram no processo de invasão da Guiana Inglesa? Em uma análise mais aprofundada que faremos, há diversos elementos literários e teóricos, na obra *Palácio do Pavão*, que poderão ainda ser trabalhados.

### Referências bibliográficas

ANTUNES, Letizia Zini (Org.) *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte e Ciência; Assis, SP: Curso de Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998, p. 182-220.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Bras. Aurora Bernadini et al. 4. ed. São Paulo: UNESP-HUCITEC, 1998, p. 397-428.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da Cultura*. São Paulo: Brasiliense (Obras Escolhidas) VI, 1994, p. 115-19.

BONNICI, T. "Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais". Mimesis, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998.

CANEDO, D. P. "Cultura é o que? – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos". In: *V Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura – Enecult*, 2009, Salvador. Anais V Enecult, 2009.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. In *A era da informação: economia, sociedade e cultura*; v.2. Tradução: Klaus Brandini Gerrhardt. 3. ed. Editora Paz e Terra S/A, 2002.

FIGUEIREDO, Eurídice; GERHEIM, Jovita Maria (orgs). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 14º Ed. Rio de Janeiro: DP&A ED, 2006.

HARRIS, Wilson. *Palácio do Pavão*. Tradução de Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Globo, 1990 (O quarteto da Guiana).

KINDLER, Anna M. “*Multiculturalismo e formação da identidade cultural*”. In: Eurídice Figueiredo, Eurídice; SANTOS, Eloína Prati dos (orgs). *Recortes transculturais*. Niterói: EDUFF: ABECAN, 1997.

LUKÁCS, György. “O romance como epopeia burguesa”. *Ensaíos Ad Hominem*, n.1, t.2. São Paulo: Estudos e Edições Ad Hominem, p. 87-117, 1999.

ORTIZ, Renato. *Estudos culturais*. Tempo Social – USP. p. 121-127. Junho, 2004.

OYAMA, Maria Helena Valentim Duca. *Édouard Glissant e o pós-colonial*. Dissertação de Mestrado FFLCH. São Paulo: Universidade de São Paulo-USP, 1999.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/Contexto*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, 1996. p. 75-97.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. Editora Brasiliense. 6. ed. 1987.

SCHMIDT, Simone Pereira. “Onde está o sujeito pós-colonial? (Algumas reflexões sobre o espaço e a condição pós-colonial na literatura angolana)”. *Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, vol. 2, n. 2, abr. 2009.

TIFFIN, Helen. “Post-colonial Literatures and Counter-discourse”. In: ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen (Orgs.). *The post-colonial studies reader*. London and New York: Routledge, 2003.

WATT, Ian. *A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

v i s  
d e l  
e r a  
r a  
t r a  
v e  
i a

Submissão: 09/01/2020

Aceite: 29/03/2020

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e73739>

*Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0*

*Internacional.*